
A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATIVIDADE DESENVOLVIDA NO PIBID

Nadiane Laiz Lotici¹
Ramunielly Bonatti²

Apresentação

Neste relato, apresentamos uma descrição de atividade desenvolvida na disciplina de Língua Portuguesa em uma escola pública do estado do Paraná, a qual fez parte das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Realeza*, no subprojeto de Letras. Além da descrição dos objetivos e das etapas desenvolvidas, tecemos reflexões sobre o processo de produção e reescrita textual, bem como sobre o significado do desenvolvimento desse tipo de prática para a nossa formação inicial.

O PIBID é um projeto muito importante na formação inicial para a docência, pois com ele os graduandos aproximam-se da realidade escolar. A vivência e o contato escolar possibilitam várias ideias, iniciativas, planejamentos e reflexões, o que contribui para todo o processo de práxis docente, fazendo uma aproximação teórica do campo empírico. Dessa maneira, o projeto tem como intuito incentivar os bolsistas para uma formação docente crítica-reflexiva, com base nos diferentes contextos e conflitos que compõem o espaço escolar. Sabemos que a teoria, dissociada da prática, não gera resultados significativos, portanto, afirmamos a importância do PIBID em nossa formação acadêmica, como diz Freire (1996, p.16):

¹ Acadêmica do curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Realeza* - UFFS. Bolsista da Capes no PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. E-mail: nadilotici@gmail.com

² Acadêmica do curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Realeza* - UFFS. Bolsista da Capes no PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. E-mail: ramunielly_b@hotmail.com



Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago, e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo.

Nesse sentido, alinhados ao pensamento de Geraldi (1991), partimos sempre do seguinte questionamento: “Para que ensinamos o que ensinamos?”, pois compreendemos que a resposta a essa questão é que deve nortear reflexões posteriores sobre “como”, “quando” e “o que” ensinar. Assim, por meio das atividades desenvolvidas no PIBID, estamos sempre refletindo sobre a prática docente, o que é muito importante para o processo de constituição da nossa identidade como professores.

Diante dessa perspectiva que nos faz pensar sobre as finalidade das práticas de ensino, o trabalho que desenvolvemos, o qual teve como foco a produção textual, foi pautado em uma abordagem pedagógica com texto que não fica restrita à sala de aula e a professor e aluno como únicos interlocutores. Assim, o nosso objetivo central era proporcionar uma atividade de escrita planejada, significativa para os alunos, na qual eles assumissem o seu projeto de dizer e direcionassem a produção a outros interlocutores que não só o professor.

Caracterização da escola e da turma

A Escola Estadual Dom Carlos Eduardo, localizada na rua José de Alencar, número 3671, bairro Centro Cívico, na cidade de Realeza - PR, oferta o ensino fundamental de 6º a 9º ano, com 19 turmas distribuídas em dois turnos, matutino e vespertino, contemplando um total de 586 alunos, 11 funcionários, 39 professores, três professores pedagogos e uma diretora. No que se refere à infraestrutura, a escola dispõe de um bom espaço físico, com salas de aula adequadas ao número de alunos, boa estrutura de banheiros e quadra de esportes. Destaca-se a necessidade de adaptação das instalações físicas para atender alunos com necessidades educacionais especiais, bem como um refeitório para atendimento à alimentação dos alunos durante o recreio.

Segundo relatos da equipe diretiva da escola, em relação ao aspecto pedagógico, existem dificuldades em efetuar um trabalho eficiente devido às múltiplas situações que a escola enfrenta: alunos sem pré-requisitos suficientes para iniciarem nas turmas de sextos anos, exemplo, sem domínio de leitura, escrita e cálculos; a falta de limites disciplinares; a



carência afetiva e a falta de perspectiva dos estudantes em relação ao futuro, bem como dificuldades financeiras e estruturais das famílias.

O público atendido pela escola é heterogêneo, oriundos tanto do centro da cidade, quanto da zona rural, apresentando característica socioeconômica média/baixa. A maioria dos educandos são filhos de domésticas, trabalhadores rurais, operários de pequenas indústrias e/ou desempregados. Essas características são importantes para conhecer a realidade dos alunos e encaminhar as atividades pedagógicas, tendo como base a prática social.

A turma na qual desenvolvemos as atividades, 6º ano, é composta por 25 alunos, com faixa etária de 12 anos. Em geral, a situação socioeconômica dos alunos é classe baixa, com grandes conflitos na família. De acordo com diálogos com professores e a direção da escola, tais conflitos repercutem na personalidade dos alunos. A turma é bem agitada, porém durante o processo de desenvolvimento das atividades os alunos foram participativos.

Fundamentação teórica

A concepção de língua que fundamenta as atividades de docência em Língua Portuguesa que desenvolvemos no PIBID é a de língua como forma de interação, a concepção enunciativo-discursiva de linguagem. Seguindo essa concepção de língua(gem), Geraldi (2006, p. 41) escreve:

Mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando: com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

Com base nessa concepção de língua(gem), compreendemos o sujeito como agente participante das situações em que está inserido, sendo responsável pelas produções sociais. É através dessas interações sociais que o sujeito produz os enunciados. Nesse sentido, é um sujeito social, histórica e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro.

Ao nos basearmos nessas concepções de sujeito e língua(gem), entendemos que qualquer atividade que tenha como foco a produção escrita na escola deve considerar que “Ao produzir um texto, o autor precisa coordenar uma série de aspectos: o que dizer, a quem dizer, como dizer” (PCNs, 1998, p. 75). Ou seja, a prática de produção textual deve considerar o contexto onde vai ser produzido, pois o aluno deve entender o porquê daquela escrita e



qual seu objetivo.

Muitas vezes, a prática da escrita que as escolas adotam acabam desestimulando os alunos, pois o professor pede para o aluno escrever de forma improvisada, sem planejamento, sem objetivo e interlocutor pré-definidos e sem revisão. Após isso, o professor corrige, muitas vezes avalia somente a ortografia, a pontuação etc. E ainda acontece de o aluno nem ser instigado a escrever, pois muitas vezes o trabalho com a escrita é feito de maneira descontextualizada, com frases isoladas (ANTUNES, 2003). Em relação à prática de escrita, Antunes (2003, p. 26) escreve:

A prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em “exercícios” de criar listas de palavras soltas ou, ainda, de formar frases. Tais palavras e frases isoladas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, são vazias do sentido e das intenções com que as pessoas dizem as coisas que tem a dizer.

Nesse sentido, a prática de produção de texto deve ter uma finalidade que ultrapasse as paredes da sala de aula. Para Geraldi (1991, p. 137), para que as produções textuais sejam significativas, é preciso que se considerem os seguintes aspectos:

[...] se tenha o que dizer; se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo); e que se escolham estratégias para realizar.

Por fim, o aluno deve se reconhecer como sujeito, articulando seu ponto de vista do mundo em suas produções. E o professor tem um papel fundamental nesse processo, possibilitando estratégias para que o aluno consiga desenvolver esse trabalho.

Descrição da experiência

O objetivo geral da atividade que propomos desenvolver na escola contemplava a prática de produção textual, especificamente de releitura, com base no conhecimento do gênero textual contos de fadas, para que os alunos passassem a produzi-lo e a reconhecê-lo nos seus contextos de uso. Por meio do trabalho com esse gênero, buscamos também ampliar a capacidade dos alunos de compreender a estrutura dos contos literários clássicos, desenvolvendo a prática de escrita de histórias de acordo com as características de releituras desses contos e, por fim, estimulando a criatividade, a sensibilidade e a imaginação.



O processo aconteceu da seguinte forma: nas duas primeiras aulas, houve uma atividade de apresentação, na qual os alunos se apresentaram, dizendo o nome, onde mora e o que mais gosta de fazer. Após isso, conversamos com a turma sobre as atividades que seriam trabalhadas e o que pretendíamos com elas. Em seguida, realizamos um diálogo sobre o clássico “Os três porquinhos”, instigando os alunos sobre seus conhecimentos prévios acerca da obra.

Na terceira e quarta aulas, realizamos a leitura do clássico “Os três porquinhos” e também de uma releitura dessa obra, “Os Três Porquinhos Malcriados e o Lobo Bom”. Após esse momento, propomos um diálogo com o intuito de levantar hipóteses sobre as duas histórias, identificando semelhanças e diferenças entre elas. Nessa fase, pudemos atender a um dos nossos objetivos, que era levar os alunos a conhecer o gênero textual contos de fada através de releituras e a conhecer a estrutura dos contos literários clássicos.

Na quinta e sexta aulas, apresentamos a obra “O patinho feio”, a qual seria utilizada para a produção de releituras posteriormente. Em um primeiro momento da aula, conversamos com os alunos sobre a história, levantando seus conhecimentos prévios a partir do título. Depois, realizamos a leitura do texto, mostrando, em seguida, a mesma história retratada em desenho. Nas aulas seguintes, os alunos iniciaram a produção do texto, que tinha como objetivo a realização de uma releitura da história. Para o desenvolvimento dessa atividade, enfatizamos que poderiam ser utilizados outros personagens, outro enredo, desde que fosse mantida a temática abordada em “O patinho feio”. Nesse processo de escrita, pudemos auxiliá-los, tirando as dúvidas relacionadas a personagens, à construção da narrativa, entre outras apresentadas no decorrer do processo, o que possibilitou a construção de uma relação de confiança entre nós e os alunos.

Após o último momento de produção, organizamos a correção, sendo que nossos apontamentos nos textos produzidos pelos alunos tinham como foco principal questões relacionadas à adequação ao gênero textual, bem como à temática abordada no conto original. Após a devolução dos textos corrigidos, os alunos iniciaram o processo de reescrita, o qual, em nosso entendimento, fez com que eles se sentissem ainda mais autores do texto, sendo que algumas marcas linguísticas e erros ortográficos foram mantidos na versão final, pois os alunos foram os próprios autores e revisores.

Como se tratava da construção de uma coletânea de histórias, da elaboração de um livro, também fez parte do processo a ilustração de cada conto, o que foi feito pelos próprios



alunos. Por outro lado, nós ficamos responsáveis pela diagramação e pela organização do livro, sendo que o mesmo processo ocorreu em três turmas distintas da escola, trabalho organizado por três grupos de pibidianas. O livro produzido contemplou as produções dessas três turmas. A sua impressão foi realizada com recursos da UFFS.

A publicação do livro intitulado “O Outro Lado da História”, produzido com as releituras feitas pelos alunos, aconteceu na feira do livro da escola, sendo divulgado para toda comunidade escolar, pais e visitantes da feira.

Avaliação dos resultados

Ao analisarmos o desenvolvimento da atividade proposta, consideramos que todo o processo planejado superou expectativas, uma vez que a própria imagem que nos era passada da turma quando chegamos à escola era outra. Os alunos daquela turma eram rotulados, porque, segundo a professora, não conseguiam produzir quase nada, cometiam muitos erros e eram muito agitados. Além disso, de acordo com a professora, o relacionamento interpessoal entre ela e os alunos era complicado.

Nas relações entre professor e aluno são comuns situações de dispersão, crises emocionais, agitação, entre outras. Como afirma Galvão (2008), quanto mais o professor tiver clareza dos fatores que provocam esses conflitos em sala de aula, maior é a possibilidade de controlar a exposição de suas reações emocionais, e por fim situar um caminho para solucioná-las. O professor, num exercício de avaliação e reflexão dos alunos e das situações em sala, deve buscar uma compreensão dos motivos e tentar identificá-los, para evitar e controlar as emoções suas e deles. (GALVÃO, 2008, p. 104)

Como licenciadas em processo de formação inicial, percebemos que não devemos partir de concepções já formuladas por outros professores, e sim realizarmos nosso próprio diagnóstico da turma, por meio de observações e conversas com os alunos. Contrariamente à imagem que a professora havia nos passado da turma, em se tratando das atividades que desenvolvemos com eles, houve um processo muito significativo de interação deles conosco, o que mostrou rendimentos consideráveis, construindo um processo de confiança que, em nosso entendimento, contribuiu para o processo de aprendizagem.

No que se refere à leitura, prática que esteve o tempo todo atrelada ao posterior desenvolvimento da prática de escrita, percebemos que o ato de ler diferentes contos, no



exercício de construir sentidos sobre esses textos da esfera literária, foi significativo para a ampliação de repertório dos alunos, bem como para o conhecimento e familiarização de textos de releituras desses clássicos.

Em se tratando da atividade de produção textual, no início os alunos não se reconheciam como autores, mas ao longo do processo essa ideia foi se modificando e eles foram assumindo o seu projeto de dizer e se motivando para a efetivação disso. Em nossa compreensão, a atividade de produção de texto, de releituras que eles produziram e que depois foram compiladas em um livro, foi imensamente produtiva, pois os alunos produziram textos com uma finalidade que extrapolou a sala de aula, textos que tiveram outros interlocutores, em consonância com o que nos dizem Geraldi (1991) e Antunes (2003).

Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita *a um outro alguém*, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo. (ANTUNES, 2003, p.45, grifos da autora)

Nesse sentido, a exposição, na feira do livro da escola, do material produzido fez toda a diferença. As produções feitas pelos alunos tiveram outros interlocutores, como colegas de outras turmas, funcionários da escola, pais e outras pessoas da comunidade que participaram do evento. Dessa forma, os textos deles foram valorizados, contribuindo para a construção de sua identidade como autores.

Considerações finais

Essa atividade contribuiu para nossa formação, sabendo que nós, docentes em formação inicial, não podemos, de nenhuma forma, persistir na proposição de uma prática de escrita escolar que não possua um leitor, ou seja, um possível destinatário. Há que sempre se partir de práticas com referências, isto é, que o aluno saiba sobre o que vai escrever e para quem se destinará o texto objeto de escrita.

Como afirma Bakhtin (1995, p. 113):

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim



numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é território comum do locutor e do interlocutor.

Logo, a palavra é objeto de interação entre interlocutores e sua variação acontecerá de acordo com o tipo de interlocutor, pois, dependendo do destinatário, as escolhas lexicais, a utilização de informações e o próprio objetivo da escrita serão diferentes, visto que o contexto de produção é primordial na finalidade de escrita.

Referências

ANTUNES, I. *Aula de Português – encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, I. *Henri Wallon: Uma concepção dialética sobre o desenvolvimento infantil*. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GERALDI, J.W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

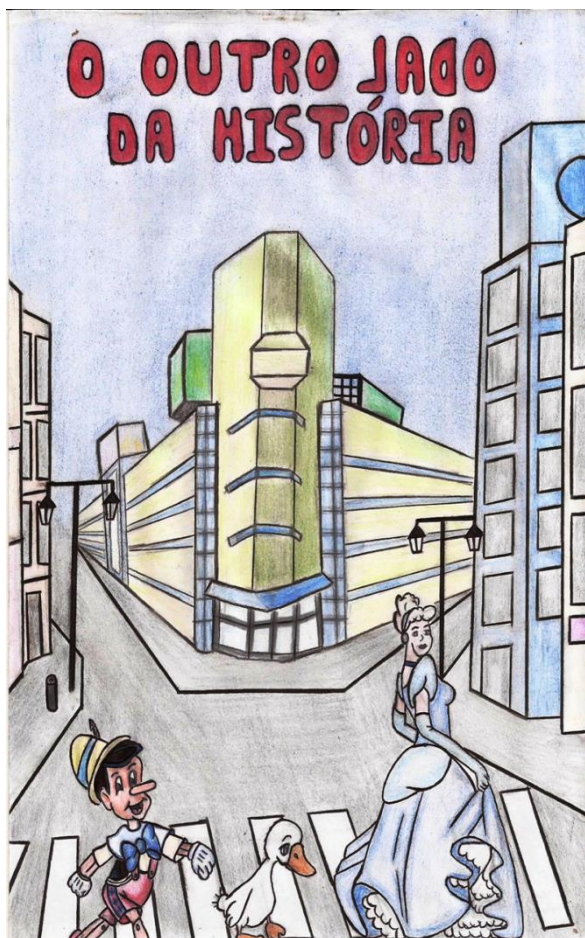
GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KOCH, I. G. V. Concepções de língua, sujeito, texto e sentido. In: _____. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 13-20.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, 1998.



Anexo – Algumas Produções Dos Alunos Que Compuseram O Livro



A batalhadora

Bela era uma menina que adorava dançar, mas tinha um problema na sua perna. Um dia ela foi a um concurso de dança mas não passou por causa do seu problema.

Ela tinha o sonho de ser uma bailarina, mas ela se sentiu mal por eles julgarem seu problema, e não olhar o que ela era por dentro. Mas os jurados não quiseram dar uma chance para ela, devido ao seu problema. Ela ficou muito triste, pois eles foram muito preconceituosos por ela possuir uma deficiência.



Um dia Bela resolveu sair viajando atrás de alguém que aceitasse ela do jeito que ela fosse. Não foi fácil, porque a sociedade em geral era muito preconceituosa, e os concursos não a aceitavam. Mas ela não desistiu de seu sonho, cada vez que recebia um não, dava mais força de vontade para correr atrás do seu objetivo.

Um dia ela encontrou um concurso de dança que era de pessoas com deficiências. Ela se inscreveu e passou. Ficou muito feliz por ter encontrado um lugar onde aceitassem ela do jeito dela.

Moral da história: Não julgue sem saber o que a pessoa sente.

Autores: Jenifer Cristina Bach de Oliveira e Talissa de Oliveira Araujo

